VERITAS ANTIQUA
Revista de Arqueologia e Ciências Bíblicas

ISSN ????-????

A cultura helênica e o Novo Testamento

Misael Amaral[1]

Resumo: As várias distâncias que nos separam dos tempos do Novo Testamento: temporal, geográfica, linguística, cultural, social, política, econômica, religiosa, tornam, por maior que seja o esmero na busca de familiaridade com os textos bíblicos com a leitura diária da Escritura, difícil uma interpretação mais palpável e verdadeira. E, essas as características linguísticas, literárias e culturais do recorte histórico Neotestamentário são circunscritas pela forte influência helenística. O helenismo advém do processo de Alexandre o Grande (330 a.C.) e seus sucessores que legaram muito da cosmovisão grega, mas também receberam muitas heranças de povos conquistados. Por isso, Helenismo foi um novo mundo grego, a estratégia de Alexandre Magno incluía para governar nações conquistadas acomodação e assimilação. Ele fazia com que soldados desposassem mulheres locais e despois permanecessem como funcionários do império. Desse modo, cidades outrora pérsias, egípcias e indianas eram transformadas em cidades gregas. Foi uma invasão de ideais que formou uma cultura híbrida que os historiadores denominaram de Helenismo.

Palavras-chave: Novo Testamento; Helenismo; Cultura.

Hellenic Culture and the New Testament

Abstract: The various distances separating us from the times of the New Testament – temporal, geographic, linguistic, cultural, social, political, economic, and religious – make it difficult to achieve a truly tangible and authentic interpretation, no matter how diligently one seeks familiarity with biblical texts through daily Scripture reading. Furthermore, the linguistic, literary, and cultural characteristics of the New Testament era were shaped by a strong Hellenistic influence. Hellenism emerged from the era of Alexander the Great (330 BC) and his successors, who bequeathed much of the Greek worldview while also adopting elements from the peoples they conquered. Thus, Hellenism represented a new Greek world; Alexander the Great's strategy for governing conquered nations involved accommodation and assimilation. He encouraged soldiers to marry local women and subsequently remain as imperial officials. In this way, cities that had once been Persian, Egyptian, or Indian were transformed into Greek cities. It was an invasion of ideas that created a hybrid culture, which historians have termed Hellenism..

Keywords: New Testament; Hellenism; Culture.

[1] Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Faculdade Instituto Bíblico Ebenézer (FIBE). E-mail: misaelhenrique@yahoo.com.br.

La cultura helénica y el Nuevo Testamento

Resumen: Las diversas distancias que nos separan de la época del Nuevo Testamento – temporales, geográficas, lingüísticas, culturales, sociales, políticas, económicas y religiosas – dificultan una interpretación más tangible y veraz, por mucho que nos esforcemos en familiarizarnos con los textos bíblicos mediante la lectura diaria de las Escrituras. Estas características lingüísticas, literarias y culturales del período histórico del Nuevo Testamento están marcadas por una fuerte influencia helenística. El helenismo surge del proceso de Alejandro Magno (330 a. C.) y sus sucesores, quienes legaron gran parte de la cosmovisión griega, pero también recibieron numerosos legados de los pueblos conquistados. Por lo tanto, el helenismo representó un nuevo mundo griego; la estrategia de Alejandro Magno para gobernar las naciones conquistadas incluía la adaptación y la asimilación. Hizo que sus soldados se casaran con mujeres locales y permanecieran como funcionarios del imperio. De esta manera, ciudades que antes eran persas, egipcias e indias se transformaron en ciudades griegas. Fue una invasión de ideales que dio forma a una cultura híbrida que los historiadores han denominado helenismo.

Palabras chave: Nuevo Testamento; helenismo; Cultura.

Submetido em: ??/??/????

Aprovado em: ??/??/????

DOI: https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2056

INTRODUÇÃO

O helenismo foi o conceito cunhado pelo historiador alemão (prussiano) Johann Gustav Droysen (1808–1884). Ele escreveu os textos aos vinte anos e aos setenta anos ele reescreve esses textos com o título "história do helenismo". Para Droysen (2010), o período foi caracterizado pela dominação das Cidades-Estado gregas por Filipe II da Macedônia e depois por seu filho Alexandre que seria chamado de "Alexandre, O Grande".

Tarnas (2019) alude que o termo helenismo também faz alusão a Hélade. O primeiro registro deste termo remonta ao período homérico e foi usado para se referir à região de Tessália, a pátria dos helenos. No entanto, o termo Hélade não era usado simplesmente em um sentido geográfico, mas sim ao conjunto de valores e ideais que conformavam a civilização grega.

Mas, na verdade, num espectro de entendimento mais claro, em 325 a.C. Alexandre, o Grande, já havia expandido suas fronteiras a quase 4800 km da Grécia até a Índia e o legado desse império foi um novo mundo grego. A estratégia de Alexandre para governar nações conquistadas incluía acomodação e assimilação, fazendo com que soldados desposassem mulheres locais e depois permanecessem como funcionários do Império. Assim, cidades outrora persas, egípcias ou indianas eram transformadas em cidades gregas. Foi uma invasão de ideais que formou uma cultura híbrida que Droysen (2010) chamou de Helenismo. Alguns historiadores assinalam como a primeira globalização, como temos hoje, onde temos uma língua comum, que é o inglês, o idioma do comércio. Depois de Alexandre, muitos povos adotaram costumes gregos e a língua grega.

O helenismo teve sua expressão máxima na vida urbana, sendo o clímax dessa expansão cultural dominadora grega foi o planejamento de cidades. Quer construíssem uma nova cidade, ou reformassem uma antiga, os engenheiros de Alexandre realizavam o traçado urbano em forma de grade, usado pelos gregos desde o século V a.C. O plano gradeado, usado nessas cidades, era um símbolo de ordem (Badian, 1977).

As campanhas de Alexandre na Ásia Menor criaram uma nova ordem no mundo conhecido que hoje chamamos de helenismo. Quem vivia em uma cidade conquistada por Alexandre, vivia numa cidade grega, como Pérgamo, por exemplo. Há dois mil anos Pérgamo tinha todos os elementos duma cidade grega: Ágora, templos, ginásio, teatro. Pérgamo seria rival de Atenas como centro cultural grego. O estilo escultural de Pérgamo.

É somente por meio do processo de formação, ascensão e queda das cidades-estado que se pode compreender os antigos gregos. Helenismo, cultura helenística é um período marcado pela mescla de culturas, religiões e mistura artística. Do mesmo modo, foi transmitido pela antiguidade que a língua da mescla dos povos orientais e ocidentais fosse indicada com o nome de helenística.

Filipe II e seu filho Alexandre Magno ao conquistarem o mundo grego na batalha de Queronéia em 338 a.C. fizeram algo notável permitiram os perdedores retornarem para casa, convocou um conselho em Corinto e convidou outras cidades para estabelecer acordos diplomáticos. Desse modo, Filipe buscou alianças para uma conquista completa do mundo grego e, sobretudo, incorporar no seu império o ideal de vida helênico que ele sempre admirava, convidando filósofos e professores gregos à Macedônia. Até mesmo sua corte falava grego de Atenas. Portanto, Filipe não queria destruir a Grécia, mas ele desejava ser a Grécia com sua cultura e sociedade.

Silva (2017) sublinha que Alexandre o Grande e seus sucessores legaram muitas coisas, mas também receberam muitas heranças desses povos. Por isso, Helenismo foi um novo mundo grego, a estratégia de Alexandre Magno incluía para governar nações conquistadas acomodação e assimilação. Ele fazia com que soldados desposassem mulheres locais e despois permanecessem como funcionários do império. Desse modo, cidades outrora pérsias, egípcias e indianas eram transformadas em cidades gregas.

Foi uma invasão de ideais que formou uma cultura híbrida que Droysen (2010) chamou de Helenismo. Ele entende que o helenismo é resultado do amálgama de elementos gregos e não gregos. A unidade linguística mescla desses povos, o chamado grego *Koiné*, ou simplesmente língua comum, praticada por todo Mediterrâneo.

Em termos geográficos o mundo helênico se estendeu do Mediterrâneo Ocidental ao centro da Ásia. Este conceito aparece na Bíblia, sobretudo em Atos dos apóstolos. Quanto à Periodização do Helenismo há duas correntes: (1) 323 a.C. (morte de Alexandre) até 30 a.C. (conquista do Egito pelos romanos); (2) 323 a.C. até 330 d.C. (Fundação de Constantinopla). Portanto, em suma, helenismo é o conjunto de fenômenos sociais, políticos, culturais e religiosos interconectados durante o período aproximado de três séculos desde a morte de Alexandre (323 a.C.), dentro do arco geográfico que inclui todos os estados surgidos da desintegração do império persa, além da Macedônia e da Grécia, com extensões de período até a fundação de Constantinopla (330 d.C.) e do arco

geográfico a Roma, Cartago e Magna Grécia. É neste contexto de formação desse mundo helenizado que a partir do I século da nossa era que nasce uma nova religião, o cristianismo. Tendo como um de seus vetores mais importantes de construção e expansão os escritos do Novo Testamento.

AS CIDADES: VETORES DE IRRADIAÇÃO HELÊNICA E CRISTÃO

Em termos de aspectos políticos, culturais e sociais o período helênico é caracterizado pelas conquistas macedônicas de Felipe II e seu filho Alexandre Magno que trouxeram a emergência da cultura helenística, marcada pelo amalgama de costumes dos povos conquistados pelos macedônios e pela expansão e difusão da cultura grega.

Alexandre empregou novas tecnologias e, invenções militares e estratégias para conquistar novas civilizações, transformando as terras do Egito a Índia em um novo mundo grego. E, os macedônios conquistaram todo mundo conhecido, exportando seu modus vivendi pois achavam ser a melhor maneira de um ser humano viver.

O Helenismo teve sua expressão máxima na vida urbana e o clímax dessa expansão dominadora da cultura grega se revelou no planejamento de cidades. Quer construíssem uma nova cidade ou reformassem uma cidade antiga, os engenheiros de Alexandre Magno faziam o traçado em forma de grade, usado pelos gregos desde o século V a.C. As conquistas de Alexandre Magno criariam uma nova ordem mundial, quem vivia numa cidade conquistada por Alexandre vivi numa cidade grega, com Ágora, templos, ginásio, teatro, consagrando o *modus vivendi* grego através do helenismo.

O planejamento urbano começou antes de Alexandre Magno, mas foi conduzido à perfeição no período helenístico, cada cidade helênica tinha uma instituição reconhecível, cada uma delas tinha um teatro grego, cada uma delas tinha templos gregos, cada uma delas tinha ginásio, cada uma delas tinha uma *Ágora*, um mercado e um fórum. O centro de uma cidade grega encontrava-se em seu mercado público chamado de *Ágora*, onde mercadores negociavam suas mercadorias e os cidadãos se reuniam para discutir os assuntos políticos do dia. Próximo a *Ágora* ficava a *Stoa*, que significa pórtico, uma estrutura simples equivalente a uma alameda coberta, consistia, portanto numa colunata de um lado e uma parede do outro lado, ou seja, um abrigo que mesmo aberto protegia contra as intempéries climáticas (Aubenque; Bernhardt; Chatelet, 1981).

Assim, a *Ágora* e a *Stoa* eram o coração público e político das cidades helenísticas e sua alma cultural jazia em outro elemento da engenharia grega, a mais importantes nas cidades helênicas – o teatro. Miguel Spinelli relembra que o teatro foi uma invenção ateniense, onde dramaturgia é acima de tudo democracia, o teatro era um aspecto essencial e muito importante na perspectiva grega com relação ao mundo, isto é, o que pensavam de si mesmos e também o que pensavam do mundo, e, é, sem dúvidas, um dos grandes legados da Grécia antiga.

Vale destacar que os teatros na antiga Grécia não eram apenas fóruns para comentários sociais, eram um centro cultural, religioso e medicinal, porque para os antigos gregos a chamada Catarse era um tratamento terapêutico para aliviar as tensões cotidianas. E inspiraram os romanos, mais tarde, na edificação anfiteatros, como o Coliseu e estabeleceram o padrão para a construção de estádios nos 2 mil anos seguintes. As cidades helênicas exerceram papel decisivo na expansão do cristianismo primitivo, especialmente nas viagens missionárias do apóstolo Paulo. Estruturadas segundo o modelo da pólis grega, essas cidades possuíam centros urbanos organizados, língua comum (o grego Koiné) e intensa circulação de pessoas e ideias, o que facilitou a comunicação e a difusão da mensagem cristã.

Paulo se aproveitou dessa infraestrutura cultural e urbana ao direcionar sua missão principalmente para grandes centros helenizados, como Corinto, Éfeso, Filipos e Tessalônica, que funcionavam como polos estratégicos para a propagação do evangelho em suas regiões. Além disso, a presença de sinagogas nessas cidades permitia a Paulo um ponto inicial de diálogo com judeus da diáspora e gentios tementes a Deus, mostrando como o ambiente helênico, apesar de pagão, foi instrumental para a rápida expansão do cristianismo no mundo greco-romano.

CULTURA E PENSAMENTO HELÊNICO

De modo geral, pode-se explicitar em pontos de destaque a cultura helênica nos seguintes aspectos: (1) *Oikoumene linguística*: Koiné – é o mundo habitado, formação de uma unidade linguística tendente a unificação de todos os povos; (2) *Cultura escrita e erudita*: Compilação de textos, construção das bibliotecas Alexandria, Pérgamo e Rhodes, intenso trabalho de recepção cultural; (3) *Ecletismo e Especialização*: Alia ambos, com a abertura de várias linhas do saber, de investigação, há a proliferação de muitas produções

ao mesmo tempo que ocorre especialização devido o universo cultural muito amplo; (4) *Poikilía* (variedade) de Gêneros: Exemplos poetas que vão falar de física, mas em forma de poesia (Arato compõe poema sobre fenômenos meteorológicos).

De maneira lacônica ao pensar acerca do legado grego pode-se evocar ao poeta romano Horácio "cativos, os gregos cativaram os vencedores". As breves conquistas alexandrinas transformaram abruptamente o mundo grego. E este processo também afetou a filosofia que antes servia para demonstrar a relação do homem com a cidade, agora, por sua vez, era utilizada para atender às necessidades espirituais do ser humano (Droysen, 2009).

Conforme destaca Marcondes (2010), em termos de história da filosofia, o pensamento filosófico helênico, se divide, tradicionalmente, da morte de Aristóteles em 322 a.C., ao fechamento das escolas pagãs de filosofia no Império de Oriente por Justiniano em 525 d.C. Assim, o recorte temporal do helenismo é caracterizado pelo desenvolvimento das escolas vinculadas a uma determinada tradição, destacando-se a Academia de Platão, a escola aristotélica, a escola epicurista, a escola estoica, o ceticismo e o cinismo de Diógenes.

Em essência a filosofia Helenística buscava atingir a Ataraxia, ou seja, o estado de espírito, bem-estar social e felicidade. As escolas filosóficas no helenismo que influenciaram o mundo romano têm sua origem no IV século a.C. no movimento de inquirição e especulação socrático em Atenas. Este movimento tem como personagem fulcral, o discípulo de Sócrates, Platão e, subsequentemente, as escolas epicuristas e estoicas. As filosofias helênicas ofereceram uma moldura que permitia sentido aos mitos e ritos religiosos do império.

Conforme destaca O'Keefe (2010), a primeira das escolas filosóficas do período helênico foi o epicurismo, tendo como fundador Epicuro (341-270 a.C.). O epicurismo é caracterizado pela busca do "prazer", que seria a ausência de dor no corpo e perturbação na alma. O epicurismo transcende os deuses e os apresenta apenas como modelos "máximo", um ideal para os seres humanos além de serem construções de pensamentos, percebidos apenas na mente dos homens, entretanto, não participam da constituição metafísica do cosmos.

Outra corrente filosófica do helenismo foi o estoicismo, criado por Zenão de Cício (IV a.C.) que buscava tornar o homem insensível a todos os males físicos e morais.

Buscavam a felicidade suprema, que era uma atividade constante para viver em harmonia com a natureza – eram conhecidos pela atitude intelectual de austeridade de caráter, de rigidez de princípios, de firmeza e resignação contra a dor e adversidade. De modo geral, a filosofia estoica tem por propósito conduzir o ser humano à felicidade. Portanto, a tarefa primordial da filosofia seria a solução das vicissitudes da vida, ou seja, a filosofia é cultivada exclusivamente em vista moral, para firmar a virtude, e logo, assegurar ao ser humano a felicidade.

De acordo com Reale (2012), a ética estoica é percebida pela busca da razão e a abstinência das paixões, o verdadeiro sábio é aquele que se liberta das paixões, que são sinônimos de vícios, sendo estes, o mal que danifica e destrói a sensibilidade e bondade humana. Neste sentido, o indivíduo deve buscar chegar a uma espécie de perfeccionismo, que significa possuir uma condição na qual fosse capaz de atingir de maneira excelente e por conta própria o seu autocontrole.

Marcondes (2010) destaca também acerca de outra corrente filosófica do helenismo que foi o ceticismo, iniciado por Pirro de Élida (365-275 a.C.). Para Pirro as coisas são em si indiferenciadas, incomensuráveis e indiscrimináveis, isto é, não possuem em si uma essência estável, e por isso, seu ser se reduz uma relação dialógica entre o helenismo e o Novo Testamento.

Spinelli (2015) alude que buscaram recriar o sentido de conceitos e ensinamentos presentes na filosofia grega, e, assim buscar pontos de tangência no helenismo e cristianismo. O autor salienta que o intento helenizador dos cristãos primitivos se deu a partir da perspectiva de estender a doutrina cristã para além do judaísmo, imprimindo ao cristianismo um caráter mais universal.

Assim, o helenismo teve ponto de contato com o cristianismo na linguagem e na filosofia do Novo Testamento, uma vez que o grego foi a língua original do texto, onde palavras e significados foram buscados na língua franca da época da emergência do cristianismo e, dos escritos do Novo Testamento.

Outro ponto de contato foram as cidades que sendo, os centros irradiadores da cultura helênica, também se constituíram em vetores da propagação da mensagem do evangelho de Cristo, sobretudo as cartas e os evangelhos do Novo Testamento. Clemente de Alexandria, em sua obra “Exortação aos Gregos”, destacou elementos do pensamento helenístico que se aproximavam da verdade cristã, como a ética, a moral entre outros.

A filosofia clássica e helênica grega influenciaram o cristianismo no final do medievo e no início da modernidade, dando origem à Filosofia Cristã. Os helenistas eram cristãos ou judeus que viviam de acordo com o *modus vivendi* cultural grego, sobretudo no espectro citadino e não consideravam o cumprimento da Torá como imprescindível. Por fim, vale ressaltar que o encontro entre o cristianismo e o helenismo ocorreu nos primeiros séculos da era cristã e foi marcado por conflitos e aporias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se debruçar sobre a temática helenismo e Novo Testamento, pode-se notar que houve, de algum modo, pela linguagem, a própria força da cultura grega, melhor helenística, um certo diálogo com o Novo Testamento, sobretudo, a partir dos escritos paulinos, sendo o apóstolo um homem de três mundos: judaico, romano e grego. Atos 17:18: “Alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a discutir com ele” (NVI) deixa evidente o conhecimento do apóstolo dos gentios acerca da cultura, sociedade e filosofia grega, quando diálogo no areópago com filósofos epicureus e estoicos.

Entretanto, muitos historiadores da filosofia assinalam que a filosofia preparou o caminho para o cristianismo, afirmando que naturalmente do helenismo ao cristianismo, existe uma continuidade na qual seria fácil de localizar os diferentes marcos. Nota-se que este ponto de vista equivale a fazer do cristianismo um fenômeno sociocultural cujas fontes podem ser encontradas no movimento das ideias ou no ambiente socioeconômico que lhe teria dado o início.

Afirmações destes retiram do cristianismo a Revelação, que lhe constitui o âmago do Novo Testamento, e o situam no mesmo plano de mitologias ou religiões de mistério, características do helenismo. Além e acima de tudo, explicações assim não veem que, do helenismo ao cristianismo, há diálogo, mas não, necessariamente continuidade, então em certos momentos foi uma postura dialogal tensa. Uma primeira oposição fundamental se encontra no centro de todas as reflexões que gravitam em torno da noção de Verdade.

As filosofias gregas são pensamentos da interioridade que pensam que a verdade se encontra no homem, mas que ele a esqueceu e não sabe mais como encontrá-la. O helenismo deixou de lado todo um aspecto da condição humana, tamanha sua confiança no homem e nos recursos do conhecimento.

A identificação possível do homem com Deus, graças a um saber que permite desvelar a verdade oculta e de vê-la de frente, está no ponto de partida das autodivinizações do homem que secularizará a ideia de Deus, enquanto o centro gravitacional do Novo Testamento, está na pessoa e verdade que é Jesus Cristo, o único mediador e redentor entre o ser humano e Deus.

Por último, a ideia deste trabalho foi realizar de modo lacônico uma revisão sobre a ideia de helenismo e apontar possíveis pontos de tangência, afinal, a região de nascedouro do cristianismo estava circunscrita pela cultura e cosmovisão helênica, e, sem dúvidas, a partir da propagação do Novo Testamento no idioma grego, percebem-se "pinceladas helenísticas" no quadro maior da obra Novo Testamento e Helenismo.

REFERÊNCIAS

AUBENQUE, P.; BERNHARDT, J.; CHATELET, F. **A Filosofia Pagã**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BADIAN, E. O mundo Helenístico. *In*: LLOYD-JONES, H. (Ed.). **O Mundo Grego**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

DROYSEN, Johann Gustav. **Alexandre**: O Grande. São Paulo: Contraponto, 2010.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. 13 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

O'KEEFE, T. **Epicureanism**. London e New York: Routledge, 2010.

REALE, Geovanni. **História da Filosofia**. v. 1. São Paulo: Paulus, 2012.

SILVA, Lorena Pantaleão da. **Antiguidade Clássica**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e Recriação de Sentidos**. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2015.

TARNAS, Richard. **A Epopeia do Pensamento Ocidental**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.